

# 150 anos da comuna 1871-2021

*claire auzias*

Como todos vocês sabem, a história da Comuna de Paris foi monopolizada e sequestrada durante cem anos pelos partidos comunistas internacionais, que viam esse acontecimento o ato fundador daquilo que veio a se tornar o comunismo bolchevique. Todos os atores e todos os atos da Comuna tornavam-se *ipso facto* comunistas, PORQUE *COMMUNARDS*. Karl Marx foi o grande responsável por essa apropriação, com seu texto: “A guerra civil na França”.

Assim, o acontecimento principal de hoje é poder celebrar a Comuna sem essa hipoteca, graças à ruína internacional dos partidos comunistas.

Para começar, nós o chamaremos O MOVIMENTO COMUNALISTA, como faziam os combatentes da Comuna, que assim designavam a si próprios. Pois a Comuna de Paris é um acontecimento nacional, e não local. Ele não se restringe à cidade de Paris, pois inúmeras comunas nas cidades industriais apoiaram a Comuna

*Claire Auzias é uma historiadora, hoje aposentada, de história social contemporânea e socióloga que dedicou muitos anos especialmente aos Roms e aos Ciganos da Europa. Anarquista individualista e autora de vários livros em língua francesa atuou, particularmente, junto ao Socius, do ISEG de Lisboa, entre 2009-2012. Vive atualmente em Paris. Contato: claireauzias@gmail.com*

de Paris e partilharam suas metas e seus meios de ação. Dessa maneira, houve Comunas em Lyon, Marseille, Limoges, Saint-Étienne, Narbonne, Périgueux, Isère, Toulouse e Bordeaux. E, sem dúvida, em outros lugares que ainda não foram estudados. Os comunalistas de Paris apelaram à solidariedade de seus semelhantes em outras cidades do país e estas responderam favoravelmente. Portanto, é uma interpretação falsa, dada *a posteriori* pelos *anticommunards*, afirmar que o país estava cortado em dois, com a Comuna em Paris de uma parte, isolada, e o resto do país *anticommunard*, de outra. Realmente, o país estava cortado em dois, mas não no sentido geográfico. De um lado, havia os monarquistas e os republicanos conservadores, encabeçados por Thiers, em um partido chamado “os rurais” porque havia proprietários de terra, monarquistas, em seu interior. E de outra parte, havia os comunalistas, por todo o país, que apoiavam a insurreição parisiense e o comitê federal do *Hôtel de Ville*.

Sem superestimar o papel desempenhado pela Primeira Internacional na Comuna de Paris, é importante saber que vários de seus membros a partir de 1864, engajaram-se completamente na Comuna de Paris, desde o início até seu massacre. Assim, podemos lembrar de Eugène Varlin, Benoit Malon, Gustave Lefrançais e Élisée Reclus, no que se refere a Paris, Bastelica em Marselha e Albert Richard e Louis Palix em Lyon. E muitos outros. Entre as mulheres, sabemos que Nathalie Lemel foi internacionalista, assim como André Léo. Todos esses militantes eram membros da tendência antiautoritária da Primeira Internacional e bakuninistas, e em seguida se tornaram membros do que foi nomeado “a minoridade” no comitê federal da Comuna. Mas existiu ao menos uma internacionalista marxista:

Elisabeth Dimitriev, aristocrata russa a quem Marx conferiu mandato em seu nome na Comuna.

Desse modo, embora seja incorreto falar de anarquistas na Comuna de Paris — visto que o movimento anarquista foi fundado em consequência da Comuna em Saint-Imier em 1872, portanto um ano mais tarde — é importante lembrar dos numerosos militantes bakuninistas e antiautoritários que animaram a Comuna, apesar de não serem majoritários. O preponderante das tropas dos militantes da Comuna eram blanquistas, ou seja, ultra-autoritários, e até mesmo ditatoriais, como ressaltam os minoritários. Raros eram os marxistas, pois essa ideologia ainda não tinha penetrado os revolucionários franceses, que eram massivamente impregnados de Proudhon.

A Comuna de Paris não é um acontecimento espontâneo, que teria eclodido por encanto em 18 de março, em Montmartre, e morrido em 28 de maio, no sangue. Pois para cada um dos 72 dias contados para as deliberações dos conselhos da Comuna por distrito e no *Hôtel de Ville*, houve anos de preparação e anos de consequências da Comuna de Paris.

Embora ainda não haja atualmente uma síntese confiável e histórica sobre o conjunto da Comuna na França, — devido à cegueira dos ideólogos autoritários que se apoderaram ulteriormente desse episódio da emancipação revolucionária —, eu gostaria de lembrar o seguinte: durante o reinado de Napoleão III, dito “O Segundo Império”, os revolucionários de 1848, vencidos, reuniram-se em clubes republicanos clandestinos, nos quais arquitetaram seu pensamento. Os dois *mâitres à penser* indiscutíveis dessa época foram Proudhon e Victor Hugo. A partir de

1864, uma lei autorizou novamente as reuniões públicas e as associações. Assim, esses clubes se tornaram públicos e continuaram suas conferências e reuniões educativas. Inúmeras atividades revolucionárias prepararam a eclosão da Comuna. Por exemplo, Eugène Varlin e Nathalie Lemel fundaram “As marmitas operárias”, uma sopa popular para ajudar os grevistas necessitados, por volta de 1865. Mas, que eu saiba, esse período do Segundo Império, do ponto de vista das oposições revolucionárias republicanas, não foi estudado, e permanece bastante desconhecido em nossos dias. Darei apenas o exemplo célebre de Louise Michel, que se tornou anarquista após a Comuna de Paris e era uma admiradora de Victor Hugo sob o Segundo Império, depois uma blanquista (adepta de Auguste Blanqui) convicta durante a Comuna. Ela frequentou os clubes republicanos durante vinte anos antes da Comuna de Paris, onde conheceu todos os republicanos parisienses que irão se tornar ativistas e, a seguir, célebres. O ano de 1870 é fundamental para as bases da Comuna e a maturação das ideias e das práticas que finalmente criaram a Comuna. Desde agosto de 1870, Eugène Varlin já escrevia a seus correspondentes: “mais valeria fazer a revolução em vez de socorrer a pátria em perigo” (na guerra contra a Prússia declarada em 19 de julho de 1870). Esse período, entre 4 de setembro de 1870, quando a república foi proclamada em Paris, e 18 de março, em que a Comuna foi proclamada em Paris, é um diálogo ininterrupto entre todos os republicanos, dos mais monarquistas aos mais insurrecionais, para tentar estabelecer uma modalidade política aceita por todos. As negociações e tratados entre as diversas opiniões políticas, das mais moderadas às mais extremistas, são claramente relatadas no livro de Gustave Lefrançais: *Le Mouvement communaliste à*

*Paris en 1871.* A proclamação da Comuna em 18 de março é resultado do fracasso de um acordo entre todos os republicanos e, em resumo, entre os monarquistas e os *communards*.

Como acontece em todas as insurreições, a prática é formadora. E, a cada dia, os *communards* descobrem e inventam o que fazer para resolver um problema após outro: a alimentação dos parisienses, a educação, o soldo das guardas nacionais, a preservação dos museus e bibliotecas, a defesa face aos prussianos e monarquistas, a habitação, etc., etc. Para abordar o estado de espírito e a vida cotidiana sob a Comuna, nada melhor que ler os escritos dos próprios *communards*. Há tantos que decidi ler um novo a cada ano, em memória da Comuna. É obrigatório citar Louise Michel, o ícone da Comuna e de todo o século XIX, totalmente admirável e símbolo inigualável. Suas *Mémoires et Souvenirs de la Commune* são uma excelente introdução. Muitos leem Prosper Lissagaray, que também não é negligenciável. Para o entusiasmo do dia a dia e a paixão dos *communards*, cito Maxime Vuillaume, *Mes cahiers rouge* e a correspondência de Gustave Courbet, também inigualável. Todos os *communards* são pessoas excepcionais, mas é claro que escolhi aqueles que mais me emocionaram. Para situar vocês, proponho este trecho de uma carta de Gustave Courbet a seus pais, de 30 de abril de 1871.

*“Meus queridos pais,*

*Aqui estou eu, mergulhado pelo povo de Paris até o pescoço em questões políticas. Presidente da federação dos artistas, membro da Comuna, delegado na Prefeitura, delegado na Educação Pública: quatro funções das mais importantes de*

*Paris. Acordo, tomo o café da manhã, tomo assento e presido 12 horas por dia. Minha cabeça está começando a ficar como uma batata cozida. Apesar de todo esse tormento mental para compreender questões sociais com as quais não estava de forma alguma habituado, sinto-me encantado. Paris é um verdadeiro Paraíso! Nada de polícia, de imbecilidades, de qualquer tipo de cobrança, de brigas. Paris funciona por si só, como um relógio. Deveria ser sempre assim. Em uma palavra, é um verdadeiro encantamento. Todos os órgãos do estado se federalizaram e integraram. Fui eu que forneci o modelo com artistas de todo tipo. Os padres também são remunerados pelo trabalho feito, como os outros, os operários, etc... Os notários e os oficiais da justiça pertencem à Comuna e são pagos por ela, como os receptores de registros. Quanto aos padres, caso eles queiram exercer em Paris (embora a gente não faça nenhuma questão disso) vão poder alugar as igrejas. Em nossos momentos de lazer, combatemos os desgraçados de Versalhes, cada um à sua vez. (...) Paris renunciou a ser a capital da França. A França não mais queria que Paris lhe enviasse seus prefeitos. A França deve estar contente, seu desejo foi satisfeito.”<sup>1</sup>*

No que se refere à historiografia propriamente dita do ponto de vista profissional dos historiadores, um único nome é recomendável, o do britânico Robert Tombs com sua obra principal: *La Guerre contre Paris, 1871*, Éditions Aubier-Montaigne. No que tange à Comuna de Limoges, por exemplo, o livro de John Merriman: *Limoges, la ville rouge*, Éditions Belin, é excelente para um olhar para fora de Paris, por um verdadeiro historiador.

Como sabemos, a repressão foi sangrenta. A cifra atualmente aceita é de 30.000 mortos assassinados em Paris pelos versalheses. Os sobreviventes foram para o exílio, em Genebra, Londres e Bruxelas, alguns para a

Espanha, ou ainda foram aprisionados em presídios como o de Nova Caledônia, e isso, por dez anos. Sua anistia aconteceu em 1880.

Um ano após a Comuna de Paris, o movimento anarquista foi fundado, por militantes vindos de todos os países, entre os quais *communards* franceses. Em 1874, Gustave Lefrançais, refugiado em Genebra e secretário de Élisée Reclus, escreveu um artigo: “*L'idée libertaire dans la commune de 1871*”, texto no qual ele examina a contribuição específica dos futuros anarquistas nas jornadas revolucionárias. Quanto às mulheres na Comuna de 1871, é preciso dizer novamente que elas são visíveis e presentes não somente na Comuna, mas em todos os movimentos revolucionários desde a Revolução Francesa, tanto operárias, artesãs, vendedoras de legumes, quanto burguesas instruídas e modestas professoras. Elas participavam dos clubes republicanos, das assembleias e dos combates, em grande número. A única coisa recusada a elas foi o voto, pois o voto das mulheres só foi estabelecido na França em 1945. Mas embora as mulheres da Comuna não votassem, elas participaram de todos os debates e das decisões não votadas. Elas transportaram feridos nos combates e foram atiradoras nas barricadas. Mas é preciso desmentir duas lendas: nunca houve uma barricada de mulheres na Place Blanche, isso é uma lenda, e elas nunca incendiaram Paris, como afirmaram os versalheses sob o rótulo infamante de “incendiárias”. O papel das mulheres na Comuna de Paris não foi corretamente estudado até hoje, mas poderia muito bem sê-lo no futuro, graças, entre outros, aos arquivos da Prisão *des Chantiers*, em Versalhes, onde mais de mil mulheres ficaram presas à espera de julgamento, desde o fim do mês de maio de 1871. A numerosa parti-

cipação das mulheres, as do povo e as ilustradas, nos movimentos revolucionários e nos cenáculos do pensamento, é uma constante nos hábitos revolucionários na França. Em contrapartida, são encontrados poucos traços de um feminismo propriamente dito durante a Comuna, apesar da participação de feministas reconhecidas, como André Léo<sup>2</sup> ou Paule Mink. Além disso, poderíamos considerar que várias condições de vida das mulheres em particular foram examinadas na Comuna, como por exemplo, seu direito de voto, suas condições de trabalho e os cuidados da primeira infância.

O olhar federalista dirigido atualmente ao movimento comunalista, “des-hierarquizando” os pontos de vista, à semelhança da minoria dos *communards*, lembra a obra premonitória de Mikhail Bakunin a seus camaradas: *Carta a um francês*, na véspera da Comuna, da qual ele participou ativamente em pessoa em Lyon, em setembro de 1870, proclamando a Comuna, vários meses antes de Paris.

Assim se apresenta, em algumas palavras, a comemoração atual do 150º aniversário da Comuna 1871-2021, patrimônio universal de todos os revoltados e buscadores de ouro.

Paris, 22 fevereiro de 2021.

Tradução do francês por Martha Gambini

## Notas

<sup>1</sup> Gustave Courbet. *Correspondance de Courbet. Paris*, Éditions Flammarion, 1996, p. 366.

<sup>2</sup> Pseudônimo de Victoire Léodile Béra (1824-1900), escritora e feminista francesa.(N.E.)

### *Resumo*

*Nos 150 anos da Comuna de Paris, Claire Auzias destaca a perspectiva de um nascente anarquismo dentre as diversas forças envolvidas nesse acontecimento, aspecto que foi negligenciado por posteriores interpretações de cunho principalmente comunista. As experiências libertárias que nasceram na Comuna, no entanto, não se encerram naquele momento, permanecem vivas.*

*Palavras-chave: Comuna de Paris, comemoração, anarquismo.*

### *Abstract*

*In the 150th anniversary of the Paris Commune, Claire Auzias highlights the prospect of a nascent anarchism among the many forces involved in this happening, an aspect that was neglected by later interpretations of a mainly communist nature. The libertarian experiences that were born in the Commune, however, did not end there, they are still alive.*

*Keywords: Paris Commune, commemoration, anarchism.*

***150 years since the commune (1871–2021), Claire Auzias.***

*Indicado para publicação em 26 de fevereiro de 2021.*